

Adriana Carvalho Silva

Geografia, Literatura e Arte, v.1, n.1, p. 7-28, jan./jun.2021

Elizabeth Martins Garcia Fontes

DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2021.171291

Bruno Luís de Souza Félix dos Santos

SE A RUA DO OUVIDOR FALASSE... OS ENTRECRUZAMENTOS DA GEOGRAFIA COM A LITERATURA**IF RUA DO OUVIDOR SPOKE ... THE INTERSECTIONS OF GEOGRAPHY AND LITERATURE****SI RUA DO OUVIDOR HABLARA ... LAS INTERSECCIONES DE GEOGRAFÍA Y LITERATURA***Adriana Carvalho Silva*¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

*Elizabeth Martins Garcia Fontes*²

Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, Rio de Janeiro, Brasil

*Bruno Luís de Souza Félix dos Santos*³

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Esse artigo relata uma etapa do projeto de extensão *Caminhos Geoliterários*. O projeto teve apoio da Faperj e envolveu a UFRRJ e o Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. O objetivo é refletir com os alunos de Ensino Médio as representações da cidade do Rio de Janeiro através de duas crônicas de Machado de Assis que relacionam o bonde à cidade e o romance *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manoel de Macedo. Para pensar essa perspectiva interdisciplinar, nos valem os estudos de Yi Fu Tuan (1974; 1977), Michel Collot (2011) e Bertrand Wesphal (2007). Nossa metodologia envolve leituras e trabalhos de campo nos Roteiros Geoliterários.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Espaço.

Abstract: This article reports on a stage of the Geoliterary Paths extension project. The project was supported by Faperj and involved UFRRJ and the Amaro Cavalcanti State College. The goal is to reflect with high school students the representations of the city of Rio de Janeiro through two chronicles by Machado de Assis that relate the tram to the city and the novel *Memórias da Rua do Ouvidor*, by Joaquim Manoel de Macedo. To think on this interdisciplinary perspective, we make use of the studies of Yi Fu Tuan (1974; 1977), Michel Collot (2011) and Bertrand Wesphal (2007). Our methodology involves readings and fieldwork in Geoliterary Roadmaps.

Keywords: Geography; Literature; Space.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino. Doutora em Geografia pela UFF - Universidade Federal Fluminense, área de concentração em Ordenamento Territorial e Meio Ambiente, com estágio de doutoramento financiado pela Capes na Université Le Mirail II, França. E-mail: adrianacarvalhosilva@gmail.com.

² Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. Coordenadora do projeto de Extensão Caminhos Geoliterários desde 2015. E-mail: lizgarciafontes@gmail.com.

³ Licenciando em Geografia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e bolsista Faperj no projeto Caminhos Geoliterários no período 2019/2020. E-mail: brunoluisfelix@hotmail.com.

Resumen: Este artículo relata una etapa del proyecto de extensión de los Senderos Geoliterarios. El proyecto fue apoyado por Faperj y contó con la participación de la UFRRJ y el Colegio Estatal Amaro Cavalcanti. El objetivo es reflexionar con los estudiantes de secundaria sobre las representaciones de la ciudad de Río de Janeiro a través de dos crónicas de Machado de Assis que relacionan el tranvía con la ciudad y la novela *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manoel de Macedo. Para pensar en esta perspectiva interdisciplinaria, utilizamos los estudios de Yi Fu Tuan (1974; 1977), Michel Collot (2011) y Bertrand Wesphal (2007). Nuestra metodología implica lecturas y trabajos de campo en las Rutas geoliterarias.

Palabras clave: Geografía; Literatura; Espacio.

1. INTRODUÇÃO

Do evento acadêmico Sigeoliterart - IV Simpósio Internacional e V Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte - ocorrido em novembro de 2019, originou-se esse texto, fruto da comunicação apresentada em Grupo de Trabalho. Na ocasião foram escolhidas para serem apresentadas duas atividades ocorridas no ano de 2018 no âmbito do projeto de extensão *Caminhos Geoliterários*. O projeto de extensão nascido em 2015 contou com apoio da Faperj e envolveu duas instituições voltadas para a atividade de ensino, a UFRRJ e o Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. Nessa parceria que envolveu professores de Geografia, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, licenciandos bolsistas e alunos do segundo ano do Ensino Médio, buscamos refletir sobre as representações dos autores e as nossas acerca do *espaço*, considerado aqui como categoria geográfica e literária. Para pensar essa perspectiva interdisciplinar, nos valem dos estudos do geógrafo Yi Fu Tuan (1974; 1977), um dos fundadores da geografia humanista, de Michel Collot (2011), crítico literário, poeta e professor de literatura e de Bertrand Wesphal (2007), ensaísta, estudioso e professor de literatura comparada. As duas atividades apresentadas nesse artigo desencadearam a produção de duas categorias textuais pelos alunos, crônica e roteiro e, ainda, a produção e realização de um vídeo documentário de 4'30" sobre a Rua do Ouvidor, chamado *Se a Rua do Ouvidor falasse...*

Os materiais utilizados nas atividades foram duas crônicas de Machado de Assis (1883; 1892) que relacionam o bonde à cidade do Rio de Janeiro e o romance *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manoel de Macedo (1878), obra que trata do surgimento e desenvolvimento da Rua do Ouvidor e de sua representatividade no ambiente urbano

carioca. As atividades de campo desenvolvidas com os alunos incluíram visita de bonde ao bairro de Santa Teresa e visitas à Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro.

Ao aproximarmos Geografia e Literatura nesse projeto atendemos nossa necessidade de pensar em práticas interdisciplinares na escola e novas metodologias que façam dialogar diferentes áreas de ensino. Propomos a partir de nossas atividades pensar o currículo escolar de modo integrado e dialógico, sem, no entanto, desprezar a arte em sua essência, ou trazê-la para a geografia como mero instrumento estético.

A metodologia adotada no projeto envolve etapas de pesquisa de material sobre a cidade do Rio de Janeiro (obras literárias, estudos e pesquisas sobre a cidade), planejamento dos roteiros geoliterários (para as saídas a campo com os alunos), momentos para leitura e debate do material selecionado com os alunos, saídas a campo com os alunos percorrendo os roteiros geoliterário e momento posterior para reflexões, debates e produções a partir do que foi vivenciado no roteiro.

Não é nossa intenção com esse texto nos aprofundarmos na reflexão sobre a definição do termo interdisciplinaridade, entendemos que as nossas práticas pedagógicas de caráter interdisciplinar estão centradas em três perspectivas que se relacionam: no *objeto* de nossa atividade didática, o espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, no *sujeito* estudante, considerando sua formação plural e seus saberes diversos e, por fim, no *método*, que se define pela leitura desse espaço urbano a partir da relação dialógica das disciplinas de geografia e literatura. É no entrecruzamento dessas perspectivas que realizamos as atividades de 2018 relatadas a seguir.

2. O ESPAÇO: CONCEITO GEOGRÁFICO E LITERÁRIO

O *espaço* enquanto um conceito geográfico e literário ao mesmo tempo é a essência do nosso projeto, ele atravessa toda a nossa proposta pedagógica de caráter interdisciplinar entremeando os campos na esperança de ganhar novas interpretações e leituras que procurem dar conta da sua complexidade.

Sobre o conceito de *espaço* no campo da geografia, nos valem dos estudos do geógrafo Yi- Fu Tuan que deram origem a duas obras: *Topofilia* (1974) e *Espaço e Lugar* (1977). Em *Topofilia* (1974), um livro que aborda os laços afetivos com o espaço, a literatura representa as particularidades das pessoas em suas culturas e lugares de

vivência, na medida em que ela é um veículo para a transmissão das experiências do homem com o espaço e, conseqüentemente, um importante recurso para os estudos do meio ambiente voltados à percepção, atitudes e valores. Diz Tuan (1974) que as obras literárias “mais do que os levantamentos das ciências sociais nos fornecem informações detalhadas e minuciosas de como os seres humanos percebem seus mundos” (TUAN, 1980 [1974], p.78).

Para Tuan (1974), a relação entre Geografia e Literatura poderia ocorrer de três formas: A primeira *destaca nos textos geográficos a grande qualidade literária*. Disso podemos entender o potencial que os cadernos de viagens e cadernetas de campo ganhavam e ganham a partir dessa perspectiva do autor; a segunda forma destaca *a literatura como uma fonte material para geógrafos*. Esta foi amplamente fértil para os estudos de geografia regional a partir do regionalismo literário e da literatura realista na tentativa de compor minuciosamente as representações espaciais a partir da descrição do texto literário; por último, e responsável pelo grande destaque da obra do autor, *a literatura nos mostra como as pessoas experienciam seu mundo*. Na interação entre esses dois campos, consideram-se os sentimentos e relações espaciais do indivíduo ou de um grupo a partir da experiência (TUAN, 1978, p. 194). As duas últimas abordagens identificadas por ele sobre o texto literário foram as que mais se propagaram entre os geógrafos nas últimas décadas.

No tocante ao campo da literatura, os termos *geopoética* e *geocrítica* designam abordagens metodológicas que nasceram no campo das letras para dar conta da dimensão espacial no texto ou nas artes em geral. De forma mais profunda do que se desenvolveu no campo geográfico, tais abordagens apontam para uma mudança de perspectiva quanto à relação entre os estudos geográficos e os estudos literários. Michel Collot (2011) explica o interesse dessa relação para as duas disciplinas⁴:

On assiste donc à une convergence remarquable entre les deux disciplines, les géographes trouvant dans la littérature la meilleure expression de la relation concrète, affective et symbolique qui unit l’homme aux lieux, et les littéraires se montrant de leur côté de plus en plus attentifs à l’espace où se déploie l’écriture (COLLOT, 2011, p.5).

⁴ Texto original em francês. Tradução nossa : «Assistimos a uma convergência significativa entre as duas disciplinas, os geógrafos encontrando na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica que une o homem aos lugares, e os literários se mostrando cada vez mais atentos ao espaço onde se desenvolve a escrita »

Para Michel Collot (2011), esta evolução das práticas e formas da escrita atesta a favor de uma melhor integração da dimensão espacial nos estudos literários em três níveis distintos, porém complementares: aquele de uma *geografia literária*, que estudaria o contexto espacial no qual as obras são produzidas, que se situaria no plano geográfico, histórico, social e cultural; aquele de uma *geocrítica* (*géocritique*), que estudaria as representações do espaço no interior do texto, se situando mais sobre o plano do imaginário e da temática; e ainda aquele da *geopoética* (*géopoétique*), que estudaria a relação entre o espaço e as formas e gêneros literários, que poderia levar a uma teoria da criação literária (COLLOT, 2011, p. 8).

Foi sobre essa geografia literária que se debruçou o literário italiano Franco Moretti (2003), no *Atlas do Romance Europeu*, associando o estudo do “espaço na literatura” (a representação dos lugares nos romances europeus do século XIX) àquele da “literatura no espaço” (o estudo dos lugares de difusão e recepção dos romances). A primeira parte do livro trata da análise do texto, sendo mais próximo da crítica literária, enquanto a segunda parte é representativa de uma sociologia literária. O livro, originalmente intitulado *Atlas of European Novel 1800-1900* (*Atlas do Romance Europeu 1800-1900*)⁵, surge como ideia durante uma viagem de Moretti em 1991 e, segundo o autor, pretende realizar uma “geografia literária” (MORETTI, 2003, p. 13). O atlas refere-se a duas coisas: ao estudo do espaço ficcional, que Moretti considera como sendo o estudo do “espaço na literatura”, onde ele apresenta “a versão de Balzac de Paris, a África dos romances coloniais, o redesenho da Grã-Bretanha de Austen”; e ao espaço histórico, que Moretti considera “a literatura no espaço”, onde ele faz um estudo quantitativo, analisa “os registros das bibliotecas provinciais da Grã-Bretanha vitoriana, ou a difusão europeia de *Dom Quixote* e de *Buddenbrooks*” (MORETTI, 2003, p. 13). Nas palavras de Moretti, sua intenção é compreender “como é que a geografia configura a estrutura narrativa do romance europeu” (MORETTI, 2003, p. 18).

Franco Moretti faz sua análise pautado na cartografia de romances europeus. Os mapas elaborados em seu atlas são baseados nos referenciais presentes nas tramas e servem de ponto de partida para a compreensão do arranjo espacial do romance, da

⁵ O *Atlas do Romance Europeu* foi editado no Brasil com tradução de Sandra Guardini Vasconcelos pela Editora Boitempo em 2003, sendo essa edição que servirá como referência neste trabalho.

estrutura do enredo e das variadas formas de conceber o espaço e o tempo. Desse modo, o autor opta por uma perspectiva *hors-texte* e analisa o ambiente literário e a recepção da obra. O resultado bastante interessante de seu trabalho é que podemos ver como os enredos configuram os Estados europeus.

Collot (2011) argumenta que Moretti recorre ao mesmo instrumento nas duas metodologias, o mapa, e, conseqüentemente, os lugares da ficção romanesca são analisados em função de suas eventuais referências geográficas. Para Collot (2011), essa técnica não dá conta do vácuo entre uma topografia objetiva e uma topologia literária. Segundo ele, apesar de ela reportar em parte uma representação realista dos lugares, a técnica não é aplicável a geografias puramente imaginárias. Para esse autor, a geografia literária deve ser completada e questionada pela *géopoétique* e pela *géocritique* (COLLOT, 2011). Para nós é interessante notar como a análise do texto literário pode sofrer variações conforme a lente, ótica ou perspectiva teórica escolhida para pensar o espaço, além de reavivar questões dentro dos campos da geografia ou da literatura, como, por exemplo, a relação entre o espaço ficcional e espaço real ou, ainda, sobre o papel do escritor como o sujeito que fala. É perceptível que os trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) desenvolvidos nas últimas décadas no Brasil, influenciados pela Geografia Humanista, demonstram a valorização cada vez maior dos aspectos subjetivos e dos espaços imaginários nas obras literárias, ou até de uma geografia imaginária. A grande contribuição do trabalho de Moretti (2003) está em cartografar as representações dos lugares nos romances europeus e suas recepções, lançando luz nos significados desses espaços nos textos literários, identificando padrões, desvios, estabelecendo conexões entre o que ele chama o espaço na literatura e a literatura no espaço. A argumentação de Collot (2011) não fere a contribuição de Moretti (2003), mas evidencia lacunas e aponta outras lentes possíveis para enxergar o texto, num movimento natural dentro da fértil construção epistemológica do campo científico.

Collot propõe chamar *géocritique* a análise das representações literárias do espaço, tal qual podemos extraí-la de um estudo do texto ou da obra de um autor, e não mais de seu contexto. Trata-se de estudar menos os referenciais nos quais o texto se inspira e focalizar mais nas imagens e significações que ele produz, considerando uma geografia mais imaginária. Já sobre a *géopoétique*, vale destacar que o termo surge nos anos 1990 no Canadá, “à travers des manifestations comme les ‘cafés géo’ ou le journal

Le Magellan de l'Université Laval à Québec" (BARON, 2011, p. 2) ⁶, e se define como sendo "Une théorie-pratique transdisciplinaire applicable à tous les domaines de la vie et de la recherche, qui a pour but de rétablir et d'enrichir le rapport Homme-Terre depuis longtemps rompu..."⁷. Michel Collot (2011) afirma que o termo inventado por dois poetas, Michel Deguy e Kenneth White, é uma resposta da crítica literária (aqueles que se dedicam ao estudo da teoria da literatura) ao momento de criação literária (momento esse que apresenta tendência a valorizar o espaço), que hoje abriga enormemente o *espaço* e a *inspiração geográfica*. No que se refere à literatura, Collot vê a *géopoétique* como "une réflexion sur les liens qui unissent la création littéraire à l'espace" ⁸ (COLLOT, 2011, p. 23), ou "l'étude des rapports entre les représentations de l'espace et les formes littéraires"⁹, tal como é esboçado no livro de Franco Moretti (2003), onde há proposições interessantes sobre a correspondência entre gênero e espaço.

Para Baron (2011), autora que também se debruça na reflexão sobre esses termos, a questão trazida pela *géopoétique* é: como fazer justiça ou devolver o sentido do espaço no texto, sem renunciar à dimensão presente (*incarnée*) nele? Ou seja, como propor uma "epistemologia do espaço concreto" (BARON, 2001)? No entanto, o que Baron identifica como resposta é que a *géopoétique* de White procura privilegiar a relação sensorial com o lugar, e uma maneira integral de pensar e habitar o espaço. A *géopoétique* revela uma tese integracionista sobre o real, diz Baron (2011), representando a aproximação de uma opção metodológica no campo da geografia (geografia cultural) e uma leitura contextualizada, no campo da literatura.

Ciente da prudência epistemológica que cerca a interrelação entre geografia e literatura¹⁰, Baron (2011) admite que a representação ou estilização de um lugar através

⁶ Texto original em francês. Tradução nossa. « através de manifestações como 'café géo' ou do jornal *Le Magellan* da Universidade Laval, no Quebec». O debate ganha vitalidade no grupo de estudos formado por Jean Morisset, Marc Brosseau, Eric Waddell e Rachel Bouvet.

⁷ Ibidem. Texto original em francês. Tradução nossa. "Uma teoria prática transdisciplinar aplicável a todos os domínios da vida e da pesquisa, que tem por objetivo restabelecer e enriquecer a relação Homem-Terra rompida desde muito tempo...". Christine BARON, « Littérature et géographie : lieux, espaces, paysages et écritures », N°8, LHT, Dossier, publié le 16 mai 2011 [En ligne], URL : <<http://www.fabula.org/lht/8/index.php?id>>.

⁸ Tradução nossa: "uma reflexão sobre os laços que unem a criação literária ao espaço"

⁹ Ibidem: 25. Tradução nossa: "o estudo das relações entre as representações do espaço e as formas literárias"

¹⁰ Ver o artigo de Antoine Sébastien, « Littérature et géographie : les liaisons dangereuses », *Overblog*, 15 janvier 2008, URL de referência : Oekoumeneparis1.over-blog.com/article15660017.html.

do texto, constitui, sem dúvida, a ligação mais evidente entre geografia e literatura ¹¹. Há escritores, inclusive, que se caracterizam pela tematização. Ao refletir tais colocações, podemos pensar na Nova York de Paul Auster ou em como alguns escritores são associados aos lugares transcritos em suas obras, como por exemplo Jorge Amado sendo reconhecido como um escritor baiano. Vale ainda ressaltar que Baron (2011) adverte que mesmo o *lugar* sendo um objeto comum nos discursos da literatura e da geografia, eles se dão de modo distinto, e que o *imaginário* humano tem sido uma dimensão mais trabalhada no campo da geografia.

Bertrand Westphal, professor de literatura comparada da Universidade de Limoges, na França, é o idealizador da *géocritique*, método que procura relacionar diferentes representações de um lugar através de diversas mídias (literatura e cinema) e gêneros (romances e relatos de viagens) ¹². A geocrítica, corrente de pesquisa surgida recentemente, baseia-se na “interação entre espaços humanos e literários” (WESTPHAL, 2000, p.17). Para Baron (2011), essas interações podem se realizar de diversas maneiras: pela referência direta de certos autores a certos lugares, pela representação dos espaços nos textos literários, e através da importância do texto na construção do lugar. Segundo Baron (2011), o termo *géocritique*, de Westphal (2007), tem uma concepção diferente e mais específica do que o de Collot (2011). Na análise de Collot, essa nova abordagem crítica, para Westphal, é motivada pelo aumento significativo do tema geográfico na literatura contemporânea, que reflete certo “le retour du réel en littérature” (COLLOT, 2011, p.19) após um período formalista, e pela importância crescente que assume hoje o espaço na filosofia, com destaque para Deleuze e Guattari e sua “geofilosofia”.

Bertrand Westphal se inspira na dialética entre territorialização e desterritorialização para “repensar a ligação entre espaços humanos e literatura” ¹³ (WESTPHAL, 2007, p.17). O método de Westphal, segundo Collot, “consiste à choisir un lieu chargé d’histoire et de culture, et à comparer les différentes images qu’en ont proposées divers écrivains : d’en explorer en quelque sorte la mémoire littéraire” ¹⁴ (COLLOT, 2011, p. 20).

¹¹ Ibidem.

¹² Westphal, Bertrand . *La géocritique. Réel, fiction, espace*. Paris: Les Edition de Minuit, 2007 .

¹³ Texto original em francês. Tradução nossa. « repenser le lien entre espaces humains et littérature ».

¹⁴ Texto original em francês. Tradução nossa. « consiste em escolher um lugar repleto de história e cultura e comparar as diferentes imagens que foram propostas por escritores diversos, para explorar, dessa forma, a memória literária».

Para nós, é interessante destacar que Westphal propõe uma abordagem interdisciplinar e afirma que com a *géocritique*, a literatura encontra-se recontextualizada num meio onde se encontram a geografia, o urbanismo, a arquitetura, a antropologia e a história. O método que tem despertado o interesse dos pesquisadores de ciências humanas nasceu de uma publicação (2000), seguida de um colóquio, e se consolidou com o livro *La Géocritique* (2007). A questão privilegiada a partir de Westphal tem sido a articulação real/literatura e o impacto do texto sobre a representação do lugar (WESTPHAL, 2007, p. 247). Essa perspectiva desloca os lugares para o centro da análise ao invés das obras e os autores, daí a combinação de elementos de análise pluridisciplinares.

Devemos admitir que pensar o *espaço* enquanto conceito interdisciplinar não pode ser definido como uma tarefa simples. As perspectivas variadas e as múltiplas abordagens que podem deslocar para o centro da análise o lugar ou o autor, o contexto ou a relação com o espaço real, entre outras possibilidades, nos dão o tom da complexidade que a relação entre Geografia e Literatura assumiu nas últimas décadas. Estamos diante de um campo fértil e produtivo, que alimentam reflexões e abordagens metodológicas elaboradas. Os referenciais teóricos comentados brevemente acima influenciaram nossas reflexões sobre o *espaço* na literatura selecionada no projeto para o ano de 2018.

3. ENTRE BONDES E BURROS: UMA VISITA AO BAIRRO DE SANTA TERESA E RUA DO OUVIDOR

Para nós, tais reflexões sobre o conceito de espaço para a análise de obras literárias permite-nos reconhecer os elementos da narrativa como estruturantes na compreensão da dimensão espacial da trama e, ainda, explorar a representação dessa dimensão na/da obra, considerando a condição de sujeito do autor, ou seja, de indivíduo que se comunica com o mundo por meio da obra literária.

Para pensar essa geografia literária e a dimensão do lugar nessas obras de Machado de Assis e de Joaquim Manoel de Macedo, foram planejadas duas atividades que envolveram conteúdos programáticos de literatura para o segundo ano do Ensino Médio, o Realismo e o Romantismo. Atravessaram a construção dessas concepções de gênero literário em sala de aula as representações sobre o Rio de Janeiro nas crônicas e no romance e, ainda, a experimentação acerca do espaço urbano carioca que os alunos

tiveram com os trabalhos de campo e com os produtos desenvolvidos por eles (as crônicas, o roteiro e o vídeo)

A primeira atividade partiu da análise de duas crônicas¹⁵ escritas por Machado de Assis em que ele estabelece uma simbologia entre a cidade e o bonde para tratar os aspectos políticos, sociais e comportamentais no Brasil do final do século XIX, seguido de trabalho de campo, ou seja, a execução do roteiro geoliterário planejado a partir dessa leitura e, por fim, de trabalho de produção textual de crônicas em sala de aula.

Ao situar na crônica elementos que não são necessariamente ligados e que, postos em relação, alteram significados, Machado de Assis instaura uma simbologia, nesse caso entre a cidade e o bonde. Essa relação configura um objeto de estudo geográfico ao considerarmos a espacialidade da obra como produto do olhar do indivíduo sobre o espaço, ou seja, numa escala individual. Nessa abordagem, temos em relação a narrativa do autor, a sociedade e o espaço. Machado de Assis assume o papel de sujeito capaz de interpretar e criar seu mundo, de atribuir uma identidade ao lugar com o qual ele interage (BERDOULAY; ENTRIKIN, 1998). A partir dessa relação entre sujeito, narrativa e lugar, Machado representa nas crônicas as correspondências e dissonâncias do Rio de Janeiro com o estereótipo da cidade moderna do final do século XIX.

A primeira crônica escolhida para esse roteiro geoliterário foi publicada em 16/10/1892 e trata da inauguração do sistema elétrico de bondes no Rio de Janeiro, sistema esse que substituiria definitivamente o uso de tração animal na cidade. Na crônica, o narrador conta uma viagem de bonde em que ele escuta a conversa dos burros. Enquanto puxam o bonde, os animais discutem sobre as ações humanas e o narrador os compara aos cavalos falantes do clássico romance *As viagens de Gulliver*, lançado em 1726 pelo escritor inglês Jonathan Swift, avaliando que a posição dos burros é a de uma categoria inferior àquela dos cavalos ingleses, a das espécies que falam menos. Outra analogia bastante significativa nesse texto refere-se à posição que os burros ocupam ao puxar o bonde lado a lado um do outro, comparando-as com as ideologias políticas de esquerda e direita. O burro da esquerda é quem pensa em liberdade, melhores condições de trabalho e acredita que a modernização do sistema de transporte urbano pode trazer tratamento mais justo aos burros por parte da espécie humana; o burro da direita é aquele que tem

¹⁵As crônicas comentadas foram publicadas originalmente em: *Gazeta de Notícias*, na série *Balas de Estalo* (em 04/07/1883) e *A Gazeta de Notícias*, na série *A Semana* (16 de outubro de 1892). Essas referências são da edição *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2008.

consciência da dominação e não acredita que a modernização do sistema de transportes traga mudanças na relação entre as espécies.

Trata-se de uma referência às ideologias políticas. A posição que os burros ocupam ao puxar o bonde corresponde às ideias esquerdistas ou direitistas, num debate sobre a modernização do sistema de bondes. É um discurso de estratégia dupla em que liberdade e opressão são, respectivamente, as visões dos burros da esquerda e da direita sobre a inauguração dos modelos elétricos ¹⁶:

O da esquerda:

- Desde que a tração elétrica se estenda a todos os bondes, estamos livres, parece claro.

- Claro, parece; mas entre parecer e ser, a diferença é grande. Tu não conheces a histórias da nossa espécie, colega; ignoras a vida dos burros desde o começo do mundo. Tu nem refletas que, tendo o salvador dos homens nascido entre nós, honrando a nossa humildade com a sua, nem no dia de natal escapamos da pancadaria cristã. Quem nos poupa no dia, vingasse no dia seguinte.

-Que tem isso com liberdade?

-Vejo - redarguiu melancolicamente o burro da direita -, vejo que há muito de homem nessa cabeça.¹⁷ (ASSIS, 2008, p. 927).

O romance clássico de Swift é uma crítica conhecida aos valores da sociedade inglesa do século XVIII. É através da relação que Machado de Assis estabelece entre os cavalos desse romance e os burros da crônica que associamos à cidade do texto o mesmo conflito de valores presente no país dos Houyhnhm. Torna-se inevitável a transposição da crítica para a espacialidade do texto machadiano e, do mesmo modo, o conflito de valores é transposto de um espaço-tempo para outro, ou seja, da Inglaterra do século XVIII para o Brasil do século XIX. Ao contrário do que acontece no país dos Houyhnhm, onde são os cavalos a espécie sábia e dominante, no país dos burros, a sociedade humana é quem domina. A dominação do homem é, em certos momentos, exaltada em virtude da supremacia tecnológica e, em momentos depois, condenada e considerada um fracasso, inferior, como vão concluir os burros e as memórias evocadas pelo narrador.

A segunda crônica trabalhada foi publicada em 04/07/1883 e trata da enumeração de 10 artigos estabelecidos pelo narrador que ditam regras de comportamento para os

¹⁶Consideremos o contexto da obra para constataremos que a analogia feita por Machado atribuindo ao burro da esquerda os ideais esquerdistas e ao da direita os ideais direitistas (burro da esquerda com os ideais de liberdade e burro da direita que refletia o sistema considerando os objetivos da companhia), não era tão recorrente como viria a ser depois.

¹⁷ Assis, M. crônica de 16/10/1892, *Obra completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2008, volume 4, p.927

usuários do bonde na cidade do Rio de Janeiro e sugerem posturas para situações nos vagões dos carros, como para os encatarroados, da posição das pernas, da leitura dos jornais ou das pessoas com morrinha e etc. :

Ocorreu-me compor umas certas regras para uso dos que frequentam bondes. O desenvolvimento que tem tido entre nós esse meio de locomoção, essencialmente democrático, exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros. Não posso dar aqui mais do que alguns extratos do meu trabalho; basta saber que tem nada menos de setenta artigos. Vão apenas dez.

ART. I Dos encatarroados

Os encatarroados podem entrar nos bondes com a condição de não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora, e no caso de pigarro, quatro. Quando a tosse for tão teimosa, que não permita esta limitação, os encatarroados têm dois alvitre: — ou irem a pé, que é bom exercício, ou meterem-se na cama. Também podem ir tossir para o diabo que os carregue.

Os encatarroados que estiverem nas extremidades dos bancos, devem escarrar para o lado da rua, em vez de o fazerem no próprio bonde, salvo caso de aposta, preceito religioso ou maçônico, vocação, etc., etc.

ART. II Da posição das pernas

As pernas devem trazer-se de modo que não constriam os passageiros do mesmo banco. Não se proíbem formalmente as pernas abertas, mas com a condição de pagar os outros lugares, e fazê-los ocupar por meninas pobres ou viúvas desvalidas, mediante uma pequena gratificação. (...) (ASSIS, 2008, p.740)

O que nos parece, num primeiro momento, algo inusitado na crônica machadiana ganharia correspondência mais tarde com o espaço real, ou seja, com as políticas públicas da municipalidade que atingiriam com força a cidade do Rio de Janeiro anos mais tarde durante a gestão do prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1904. As regras por meio de decreto municipal estabeleciam comportamentos considerados mais adequados com a cidade que nascia das obras de remodelação do espaço urbano do centro do Rio, com boulevares, grandes Avenidas, prédios suntuosos.

A segunda atividade teve início com a leitura parcial da obra *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manoel de Macedo (1878). Nesse livro que mistura ficção e dados históricos, o autor, professor de História e Geografia do Colégio Pedro II, pretende com essa obra reconstituir a fundação da cidade do Rio de Janeiro a partir da abertura da Rua do Ouvidor, seu desenvolvimento e sua representatividade ao longo dos séculos no ambiente urbano carioca. Dois trabalhos de campo foram realizados nessa atividade, um para reconhecimento da Rua do Ouvidor e o segundo como etapa de execução de um vídeo de 4'30" sobre a Rua do Ouvidor, chamado *Se a Rua do Ouvidor falasse...* Os alunos escreveram o roteiro, gravaram imagens e falas e atuaram na edição do vídeo.

O romance histórico de Joaquim Manoel de Macedo, *Memórias da Rua do Ouvidor*, editado em 1878, representa o esforço do autor em fazer um panorama completo da rua que era o símbolo da cidade em que o Rio de Janeiro havia se tornado. A simbologia entre a rua e a cidade são evidentes. A obra que mistura ficção e dados históricos remonta a fundação da cidade do Rio de Janeiro e a abertura da rua que ganha como nome o título de *Rua do Desvio* em virtude da função que lhe foi atribuída, o desvio da Rua da Direita (antigo nome da Rua Primeiro de Março) para o mar. A rua do Ouvidor no romance de Macedo atravessa séculos desde a cidade colonial de terrenos alagadiços e povoada por indígenas, com nome de *Rua do Desvio*, sendo ocupada por caboclos, por lendas de lobisomens, até deixar para trás todo seu misticismo e ser invadida por comércios e habitantes ilustres que dão ares de modernidade à cidade escravocrata. A Rua das lojas de moda, jornais e cafeterias perderia o posto de rua mais importante da cidade apenas com a abertura da Avenida Central no início do século XX:

A loja de modas Notre Dame de Paris, que começou com uma porta e duas vidraças na antiga casa do Passos, tem hoje doze (contadas as portas e as vidraças) abrindo-se para a Rua do Ouvidor; as casinhas térreas transformaram-se em vistoso sobrado, cuja frontaria é iluminada na linha superior por numerosa série de bicos de gás. (MACEDO, 1878, p. 99)

Em outro capítulo, Macedo atribui à Rua do Ouvidor o título de “coxa”, uma menção ao trecho da Rua que abrigava ainda um comércio mais modesto, próximo à antiga Praia do Peixe (Rua do Mercado):

Como empreendo viagem pela Rua do Ouvidor com os meus leitores por companheiros obrigados e começo a viajar pelo primeiro quarteirão, onde se verifica que a rua vaidosa é coxa; lamentam-se a Praia e a Praça do Mercado e louvam-se as Igrejas da Santa Cruz dos Militares e da Lapa dos Mascates. Como além da Rua de Primeiro de Março (ex-Direita) entra-se na Rua do Ouvidor legítima e fidalga, a qual tem ar perfeitamente emblemáticas ao lado direito casa de modista, e ao esquerdo charutaria. Faz-se menção à confeitaria do Carceller, onde se encontra, ceando, o célebre Chalaça, e conta-se como ali (lá no tempo do Sr. Guimarães) se organizou na sala de cima um ministério, comendo-se empadinhas e croquets. Finalmente contempla-se a atual Loja da América e da China, casa n.º 40, onde Evaristo Ferreira da Veiga (o grande patriota) aprendeu a ler, e onde anos depois floresceram ou dulcificaram-se as senhoras Paracatus, que foram no seu tempo as mais famosas doceiras da cidade do Rio de Janeiro. (MACEDO, 1878, p.59)

4. OS ROTEIROS GEOLITERÁRIOS: LEITURAS DA CIDADE

Ao descrevermos as atividades realizadas optamos por organizar essas experiências em uma sequência padronizada apenas para sistematizar e dar um tratamento mais didático aos roteiros. Descrevemos os relatos no modelo a seguir:

Roteiro x – nome do roteiro

- ✓ Percurso: enumerar o percurso
- ✓ Justificativa: o que justifica a escolha desse roteiro
- ✓ Objetivo: o que se pretende com o autor/obra escolhida e vivência de campo
- ✓ Planejamento e atividades prévias: o que os alunos leram, como foram estimulados a vivenciar o campo
- ✓ Observações realizadas no roteiro: descrição do trajeto, das experiências vividas
- ✓ Atividades pós campo: o que foi planejado para depois do roteiro
- ✓ Ano de execução: a data em que ocorreu o roteiro
- ✓ Obras e materiais que inspiraram o roteiro: o que foi lido para o planejamento e execução do roteiro

4.1 Roteiro 2018/1 – Entre bondes e burros: uma visita ao bairro de Santa Teresa

- ✓ Percurso: O grupo saiu do colégio Amaro Cavalcanti e se dirigiu ao metrô da estação Largo do Machado. De metrô seguimos até a estação Carioca, de onde acessamos o ponto de partida dos bondes para o bairro de Santa Teresa. Apesar do serviço de bonde ter sido retomado após anos de interrupção, o trajeto ainda é parcial¹⁸. Descemos no Largo dos Guimarães, percorremos a pé até o Largo do Curvelo e nos dirigimos para o Parque das Ruínas e Museu da Chácara do Céu. Após a visitação, retornamos para o Largo dos Guimarães a pé e descemos de bonde até o ponto inicial nas proximidades do Largo da Carioca, quando pegamos novamente o metrô para o retorno até o Colégio Amaro Cavalcanti.
- ✓ Justificativa do roteiro: Há muitas formas de ler Machado de Assis. Podemos considerar a leitura das crônicas como um retrato cotidiano do Rio de Janeiro

¹⁸ Após um acidente com o sistema de bonde em Santa Teresa em 2011 que deixou cinco mortos, o serviço de transporte de bonde foi retomado parcialmente no ano de 2016. À época, evidenciando a precariedade das condições de circulação dos bondes, a composição teria ficado fora de controle e perdido o freio na ladeira da Rua Joaquim Murtinho, que dá acesso ao Largo do Curvelo.

enquanto Capital Federal. Alguns críticos contemporâneos (MASSA, 1971; SCHWARZ, 1977; GLEDSON, 1991), identificam Machado como um escritor que retratou o Brasil do Segundo Reinado, cujos textos, em geral, tratam sobre as questões políticas, econômicas e sociais de seu tempo. Ao considerarmos essa ótica podemos interpretar o diálogo dos burros como uma reflexão sobre as condições de trabalho num país onde a abolição da escravatura era recente. No entanto, para além dessa perspectiva, se faz necessário pensar na dimensão do *espaço* na obra literária de Machado de Assis, dimensão essa pouco explorada até então. Ao considerarmos o conceito de *ambientação* de Osman Lins (1976) saltam das crônicas machadianas uma cidade complexa. A relação estabelecida entre espaço, sociedade e arte atribui um caráter universal à cidade do Rio de Janeiro do Machado cronista. A cidade não é simplesmente descrita, ela é representada como um espaço vivido. Os códigos e signos do texto estimulam as sensações ligadas ao cotidiano urbano, relacionando o particular e o geral, o local e o universal, que constituem um elaborado jogo de escalas e palavras, ou seja, um *trompe-l'oeil*. Dessa forma, explorar um roteiro que estabeleça relação entre sistema de transporte, espaço urbano e sociedade nos parece fundamental para estimular a capacidade de análise crítica dos estudantes.

- ✓ Objetivo: Nosso objetivo é refletir sobre as especificidades da crônica machadiana ao representar a cidade, privilegiando os recursos da linguagem e reconhecendo as próprias especificidades do texto como capazes de qualificar o discurso sobre o espaço urbano. Pretendemos reconhecer com os alunos que o *espaço* que se configura na crônica tem uma lógica que não se apoia no espaço-tempo do autor, nem no curto espaço-tempo característico do gênero da crônica, mas naquele baseado no recurso da intertextualidade, com escalas e temporalidades múltiplas e subjetivas, que nos leva até a questionar se a cidade da crônica machadiana existe.
- ✓ Planejamento e atividades prévias: Para esse roteiro foi realizada a leitura prévia em sala de aula da crônica do dia 16/10/1892 e planejado o trajeto de campo (incluindo os ofícios encaminhados ao MetrôRio e à empresa que administra o sistema de bondes solicitando gratuidade) incluindo a leitura da segunda crônica trabalhada em atividade de roda de leitura nos jardins do Parque das Ruínas.
- ✓ Observações realizadas no roteiro: Durante a viagem de bonde, os alunos puderam vivenciar um pouco da atmosfera da crônica lida em sala de aula. Certamente que os

veículos e a tração que os move não são as mesmas, mas as características gerais como o carro estreito e aberto, os bancos de madeira de assento contínuo, além do percurso tão original foram capazes de nos transportar para a atmosfera da crônica. Muitos alunos comentaram o quanto parecia inusitado andar de bonde por ruas estreitas, sinuosas e residenciais tendo saído há poucos minutos de um centro comercial tão barulhento e agitado. O casario e as formas arquitetônicas mais tradicionais do bairro provocaram curiosidade sobre o processo de ocupação do morro de Santa Teresa e seu pioneirismo com relação ao serviço de bonde, tendo sido esse o primeiro bairro a ser inaugurar o sistema funicular. A visita ao Museu Parque das Ruínas trouxe o resgate da importância social e histórica do bairro¹⁹. Durante a visita ao antigo casarão realizamos uma roda de leitura e debate sobre a crônica machadiana de 04/07/1883, que sugere regras de comportamento para os usuários de bonde. Os estudantes, todos usuários de meios de transporte público, relataram comportamentos que julgam hoje inadequados aos usuários, como viajar portando mochilas nas costas dentro de ônibus, trens e metrô cheios, questionaram e criticaram a necessidade de haver uma lei que assegure um vagão exclusivo para mulheres nos horários de maior movimento, além de destacarem as péssimas condições de conservação dos ônibus da cidade. Por fim, mencionaram o episódio do acidente com o bonde de Santa Teresa em 2011, tendo vitimado passageiros e o funcionário condutor. Encerramos a roda de leitura com reflexões comparativas entre o tempo/espço das crônicas e o tempo/espço contemporâneos. As regras da crônica do final do século XIX que parecem bizarras e sarcásticas, ganharam correspondência com fatos reais através das medidas adotadas mais tarde pela municipalidade durante a reforma higienista do início do século XX, por meio dos decretos de Pereira Passos que proibiam, por exemplo, entre tantas outras medidas, as pessoas de cuspirem no chão, impediam as vendas de carnes e animais vivos pelos carroceiros nas ruas e até mesmo censuravam as crianças soltarem pipas nas ruas da área central. Saímos da roda de leitura nos perguntando como

¹⁹ O Parque e as ruínas são os resquícios do Palacete Murtinho Nobre, erguido entre 1898 e 1902, e local de residência de Laurinda Santos Lobo, dama da sociedade e herdeira de uma rica e poderosa família, que se dividia entre Rio de Janeiro e Paris. Seu casarão foi, durante a década de 1920, o ponto de encontro do modernismo no Rio de Janeiro, e um dos pontos mais badalados da vida cultural carioca durante as duas décadas seguintes.

devemos então qualificar o carro feminino nos bondes e trens? Por que se fazem necessários? O que sinalizam sobre nossa sociedade?

- ✓ Atividades pós campo: Após o roteiro geoliterário, os estudantes leram matérias de jornais que tratavam, na atualidade, das péssimas condições do sistema de transporte público e de escândalos de corrupção envolvendo licitações para a concessão dos serviços. Em seguida, os alunos produziram crônicas ou relatos sobre a temática dos meios de transporte a partir de suas experiências.
- ✓ Ano de execução: roteiro realizado em 2018
- ✓ Obras e materiais que inspiraram o roteiro: Crônicas publicadas originalmente em A Gazeta de Notícias, na série Balas de Estalo (em 04/07/1883) e A Gazeta de Notícias, na série A Semana (16 de outubro de 1892).

4.2 Roteiro 2018/2 - Rua do Ouvidor, memórias e histórias de uma rua do Rio

- ✓ Percurso: Esse percurso foi dividido em duas etapas. Na primeira delas, saímos do Colégio Amaro Cavalcanti seguindo de metrô até a estação Uruguaiana e percorremos toda rua do Ouvidor saindo do Largo de São Francisco de Paula até a esquina com a Rua do Mercado, com o intuito de fazer o reconhecimento da rua, observar as formas e funções dos imóveis, a estrutura e ordenamento espacial. Todos os alunos da turma de 2º ano estavam presentes. Na segunda etapa, nos encontramos diretamente na Rua do Ouvidor e percorremos apenas o trecho referente ao roteiro dos alunos para a produção do vídeo. Apenas os alunos envolvidos na produção do vídeo estiveram presentes nessa etapa.
- ✓ Justificativa: A Rua do Ouvidor está presente em vasta obra dos escritores brasileiros que retrataram o Rio de Janeiro pelo menos até as primeiras décadas do século XX, quando sua centralidade foi abalada pela abertura da Avenida Central. Em especial, Joaquim Manoel de Macedo, na intenção de elaborar um romance histórico, elege a Rua do Ouvidor para estabelecer uma simbologia com a cidade do Rio de Janeiro desde sua fundação no Morro do Castelo. Fazer com os alunos a leitura dessa obra e o campo na Rua do Ouvidor é experienciar essa representação construída pelo autor, perceber sua intencionalidade em criar um romance urbano e histórico, identificar as características atribuídas ao

Romantismo e comparar esse gênero literário a outras formas de representação do espaço urbano.

- ✓ **Objetivo:** Joaquim Manoel de Macedo escreve dois romances urbanos, *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* (1862) e *Memórias da Rua do Ouvidor* (1878). A intencionalidade da produção dessas obras confere ao autor o papel de sujeito empenhado em representar seu espaço vivido e se comunica diretamente com nosso propósito de entrecruzar experiências do passado e do presente no espaço urbano carioca. Seleccionamos a obra que representa a Rua do Ouvidor devido à simbologia estabelecida com a cidade. Tal qual Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo toma uma coisa pela outra. Do modo de dizer a cidade comparamos ao ler esses autores características atribuídas à variados gêneros literários, características do Realismo e do Romantismo brasileiros. Durante o campo os alunos puderam perceber que a Rua do Ouvidor guarda diferentes tempos em suas formas arquitetônicas, que conjuga feições do passado com outras mais modernas e arrojadas. Tendo resistido às tentativas de alargamento, a rua ainda se mantém estreita e, para os alunos, ficava difícil imaginar que tantas histórias e tantos relatos de glamour se referem àquele espaço apertado por onde passam pessoas apressadas.
- ✓ **Planejamento e atividades prévias:** Como atividade preparatória para o campo lemos os cinco primeiros capítulos do romance *Memórias da Rua do Ouvidor* em sala de aula. Os alunos tiveram acesso ao arquivo disponível no Domínio Público para a leitura da obra integral. O fato de a obra misturar ficção e dados reais instigou os alunos e despertou curiosidade sobre episódios que envolvem sequestros, casamentos e lendas, em especial aquela sobre um lobisomem. O estatuto de verdade da obra literária e a verossimilhança, nesse caso demonstrado no romance, não se estabelecem da mesma forma que em outros gêneros literários estudados por eles naquele ano.
- ✓ **Observações realizadas no roteiro:** Ao percorrerem a Rua do Ouvidor o que mais os alunos comentavam eram os trechos do livro que remontavam ao passado mais distante da rua e as experiências mais improváveis. O trecho que hoje se mostra mais preservado, entre a Rua Primeiro de Março e a Rua do Mercado, guardando os prédios mais antigos, foi o que mais agradou ao grupo. Dessa visita surgiu entre

os alunos o desejo de produzir um vídeo em que eles pudessem contar a história de fundação da rua mais famosa da cidade.

- ✓ Atividades pós campo: Após o campo na aula de literatura os alunos elaboraram um roteiro para o vídeo sobre a fundação e história da Rua do Ouvidor a partir de Joaquim Manoel de Macedo. O roteiro foi uma produção coletiva e serviu de orientação para a gravação das imagens que deram origem ao documentário *Se a Rua do Ouvidor falasse...* que ficou disponível na plataforma de vídeo *Youtube*.
- ✓ Ano de execução: 2018
- ✓ Obras e materiais que inspiraram o roteiro: Para esse roteiro foi lido *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manoel de Macedo, de 1878.

5. REFLEXÕES CONCLUSIVAS

A cidade como conteúdo escolar precisa ser considerada como lugar de aprendizagens significativas. Concordamos que as possibilidades de leitura da cidade são inúmeras, ler a cidade de modo não linear, evocando outros enunciados é hoje uma questão metodológica que merece atenção, em especial as iniciativas interdisciplinares. A nossa pautou-se em pensar uma *geografia literária* para ser desenvolvida na escola, sob influência das questões epistemológicas mais recentes nos campos da geografia e da literatura, sobretudo a partir das contribuições de Yi-Fu Tuan (1974, 1977), de Michel Collot (2011) e de Westphal (2007). Pensar o *espaço* representado nas crônicas machadianas e no romance de Joaquim Manoel de Macedo para nós é considerar que a literatura pode nos mostrar como as pessoas experienciam o mundo e, ainda, entender esse espaço a partir da relação afetiva e simbólica que une os homens aos lugares.

As atividades com os alunos trouxeram reflexões sobre as diferentes nuances do *espaço na literatura*. Ler textos do século XIX sobre o Rio de Janeiro nos colocou diante de questões relativas a escala e temporalidade (afinal estamos diante de uma cidade completamente diferente daquela representada nas obras), despertou em muitos o anseio por identificar espaços reais e ficcionais e nos levou a pensar em nossa própria relação com o espaço, num movimento de recontextualização da literatura, o que nos aproxima dos argumentos de Westphal (2007) sobre sua análise com relação à geocrítica (com a

valorização das abordagens interdisciplinares e com maior destaque para o *lugar* frente ao autor ou ao texto)

Pensar o *espaço na literatura* de modo interdisciplinar nos levou também a reconhecer os elementos da narrativa como estruturantes na compreensão da dimensão espacial do texto. Através da intertextualidade e da simbologia, tanto Machado de Assis como Joaquim Manoel de Macedo relacionam o mundo do mito e do imaginário social com o universo jornalístico e cotidiano, seja da crônica ou do romance urbano. Machado usa uma linguagem simbólica de amplo alcance para construir uma cidade metafórica capaz de ser identificada pelo leitor. O que nos faz reconhecer essa cidade da crônica são os conflitos que ela possui e não as referências topológicas. Os conflitos na crônica machadiana são de natureza humana, perpassam gerações e por isso estão presentes em todas as escalas exploradas nas intertextualidades utilizadas pelo autor. Machado interpreta seu mundo nas crônicas e o que vemos é um espaço público corrupto, injusto e intolerante, características não raramente atribuídas ao meio urbano. As possibilidades de leitura da cidade são inúmeras e a escola, uma das instâncias de produção da cidadania, precisa trabalhar com as diferentes formas de conceber a cidade.

Joaquim Manoel de Macedo faz um romance urbano popular, de linguagem simples de cronista e analista do Rio de Janeiro. Considerado um dos fundadores do romance no Brasil e, certamente, um dos principais responsáveis pela criação também do teatro, Macedo não costuma ser trabalhado nas escolas como cronista urbano que foi, em obras que davam destaque ao tempo espaço da nossa cidade.

A cidade do Rio de Janeiro é estudada sob muitos aspectos, é inegável a valorização da dimensão cultural dessa cidade e a necessidade de reconhecimento das suas formas de expressão. No entanto, práticas docentes que investigam o espaço urbano e suas representações pelo viés simbólico, cultural e artístico ainda são em menor número. Ao longo do tempo, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se palco dos mais importantes momentos políticos da formação do país, foi capital do Vice-Reinado, abrigou a Corte Imperial e a República. A história da cidade se confunde com a história política e social do Brasil. Além de ser reconhecida por seu patrimônio arquitetônico e artístico, o Rio de Janeiro é a primeira área urbana no mundo a ter reconhecido o valor universal da sua paisagem (a cidade recebeu o título de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural Urbana, concedido pela Unesco, em 2012).

Ao trabalharmos, em sala de aula, romances e crônicas ambientadas no Rio de Janeiro, lidamos com um tempo que não é linear e um espaço que é cheio de contradições e ambiguidades, características comumente atribuídas ao urbano e à modernidade. A relação da geografia com a literatura no âmbito escolar precisa dar conta disso, investigando novas metodologias de abordagem das obras ficcionais que façam dialogar os campos disciplinares e que, sobretudo, dialoguem com o presente e com o cotidiano dos alunos nessa cidade. Para isso precisamos ampliar o debate sobre a dimensão espacial, o discurso, a narrativa, reconhecer os papéis dos sujeitos sociais envolvidos na produção e recepção das obras.

O título do documentário produzido pelos alunos, *Se a Rua do Ouvidor falasse...* (que inspirou o desse artigo), faz menção a expressão popular “Se as paredes falassem...”. A Rua do Ouvidor, como a *parede* da expressão popular, é o elemento expressivo capaz de relatar as experiências com o espaço urbano!

6. REFERÊNCIAS

BARON, Christine. Littérature et géographie: lieux, espaces, paysages et écritures. *Fabula-LhT*, Paris, n. 8, mai. 2011. Disponível em: <http://www.fabula.org/lht/8/baron.html>, page consultée le 19 juin 2020.

BERDOULAY Vincent, ENTRIKIN J. Nicholas. Lieu et sujet. *Espace géographique*, tome 27, n°2, 1998. p. 111-121. DOI : <https://doi.org/10.3406/spgeo.1998.1139> Disponível em: www.persee.fr/doc/spgeo_0046-2497_1998_num_27_2_1139 Consultado em jun 2020.

COLLOT, Michel. Pour une géographie littéraire. *Fabula-LhT*, Paris, n. 8, mai. 2011. Disponível em: <http://www.fabula.org/lht/8/collot.html>, page consultée le 19 juin 2020.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. Tradução Fernando Py em 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 [1984].

LINS, Osman. Lima *Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

MACEDO, Joaquim Manoel. *Memórias da Rua do Ouvidor*, 1878. Domínio Público. Consultado em 29 de agosto de 2019.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra Completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2008.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Tradução de Marco Aurélio M. Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

TUAN, Yi-Fu. Literature, experience and environmental knowing. In: MOORE, G.T.; GOLLEDGE, R. G. (ed.) *Environmental knowing: theories, research and methods*. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson and Ross, 1976. p. 260 – 272.

TUAN, Yi-Fu. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. *Humanistic Geography: prospects and problems*. Chicago: Maroufa Press, 1978. p. 194-206.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. (tradução de Livia de Oliveira), São Paulo: Difel, 1980 [1974].

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira), São Paulo: Difel, 1983 [1977].

WESTPHAL, Bertrand. *La Géocritique : réel, fiction, espace*. Paris : Les édition de minuit, 2007.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992 [1977].

Recebido em 20/06/2020.

Aceito em 18/02/2021.

Publicado em 30/04/2021.